

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS. A. VARAGNAC, ET AL. -L' ART GALOIS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1960 | Número: 70

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Notas Bibliográficas. A. Varagnac, et al. -L' Art Galois. *Revista de Guimarães*, 70 (1-2) Jan.-Jun. 1960, p. 315-318.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

como um monumento fundamental de consulta, indispensável a todos os cultores da Arqueologia europeia. A apresentação dos volumes é impecável, modelarmente impressos na Casa editora de Walter de Gruyter & Co., de Berlim.

A. VARAGNAC, A. D. TOLÉDANO, G. FABRE et M. MAINJONET, *L' Art Gaulois*, Paris 1956, ed. de la Revue «Zodiaque», Vol. IV de la Collection «La nuit des Temps». 331 págs., numerosas gravuras.

Subscrito por nada menos de quatro autores, editou a Revista trimestral francesa «Zodiaque» o volume 4.º da Coleção «La nuit des Temps», como número especial do Natal de 1956, livro este de grande interesse não só para os que se dedicam à história da Arte, mas igualmente para os arqueólogos e pré-historiadores.

Este livro intitula-se *L' Art Gaulois*, e apesar de terem sido quatro os AA. que lhe deram o seu concurso, a maior parte do texto deve-se ao Sr. André Varagnac, Conservador-chefe do Museu das Antiguidades Nacionais de Saint-Germain-en-Laye e Director de Estudos na Escola Prática de Altos-Estudos da Sorbonne. Os restantes autores foram as Senhoras Gabrielle Fabre e Monique Mainjonet, que se encarregaram da parte referente à numismática gaulesa que o livro inclui, e A. D. Tolédano, que subscreve o último capítulo intitulado «Capacités chrétiennes du Celtisme».

De resto, ainda neste volume são citados outros colaboradores e entidades que lhe prestaram a sua ajuda, tais como o autor do prefácio, Angélico Surchamp, os fotografos a quem se ficaram devendo as estampas que documentam o livro, os museus que autorizaram a reprodução dos objectos, etc. Vê-se, portanto, que dominou a preocupação de «dar o seu a seu dono», qualidade hoje rara nos processos de trabalho de muitos escritores.

Trata este belo livro, em primeiro lugar, dos pró-dromos do Celtismo, analisando seguidamente as manifestações da Arte céltica na escultura antropomorfa e zoomorfa, em pedra e metal, as figurações simbólicas

e ornatos empregados na monetária, a arte decorativa em objectos metálicos e na cerâmica, e, a concluir, as influências, ou melhor, as sobrevivências da arte céltica na arte cristã, capítulo da autoria de A. D. Tolédano, a que o Sr. Varagnac acrescentou uma nota complementar.

As interpretações plásticas, especialmente da figura humana, atribuídas a esse complexo de povos que designamos *Celtas* tem sido sempre consideradas, pela sua rusticidade bárbara, prova evidente de uma certa incapacidade artística, negação ou deliberado propósito de fugir à representação da realidade viva, tão raras são essas representações humanas, em contraste com a abundância opulenta de «motivos» variados da arte ornamental de origem ou tradição céltica.

Considera o Sr. Varagnac como pródromos ou antecedentes das manifestações artísticas do Celtismo, a arte do Eneolítico e da Idade do Bronze, especialmente a arte esquemática da Cultura megalítica, como as gravuras rupestres, os ídolos-placas, as gravuras e pinturas dolmênicas, etc., formas e concepções já distantes dessa bela arte naturalista do Paleolítico Superior, que uns consideram manifesta decadência, outros, pelo contrário, interpretam como um conceito mais elevado, semelhante ao que hoje se chama *arte abstracta*, porque, como diz o Sr. Varagnac, então «nulle forme n'était considérée en tant que forme, mais comme manifestation d'un esprit».

Analizando em seguida as produções artísticas das gentes indo-europeias que introduziram no Ocidente a chamada «cultura dos túmulos», os proto-celtas, e a dos «campos de urnas», destaca André Varagnac as figurações tipicamente célticas, e acentuadamente bárbaras, dos javalis, das toscas imagens de divindades ostentando os característicos torques, das «cabeças cortadas» de olhos-semi-cerrados de Entremont, e de várias outras esculturas que na Hispânia pré-romana têm também numerosos paralelos, tais como as nossas figuras de «guerreiros» galaicos ou lusitanos, os nossos berrões, os «carrinhos de culto», como esse bem conhecido procedente de Mérida e o do Museu de Guimarães encontrado na Lixa, as figurinhas ex-votos de bronze do santuário de Despeñaperros, etc., toda essa plástica onde perpassa, por vezes, um aspecto de violência, de rude ferocidade, como a que ressalta desse hediondo monstro andrófago

que, segura nas garras duas cabeças humanas, a chamada *Tarasca de Noves*, do Museu Calvet, de Avignon, e desse *Hermes bicéfalo*, proveniente do santuário de Roquepertuse, no Museu de Marselha, que tanto faz lembrar as manifestações da arte negra dos nossos dias.

Pois bem. O Sr. Varagnac afirma que toda esta arte, que muitos persistem em classificar de bárbara, representa na verdade um grande impulso criador da Gália céltica independente, anterior à conquista romana e infelizmente abafado por esta, que estaria destinado a dotar o mundo antigo de um influxo artístico tão poderosamente inovador, como o que está sucedendo com as actuais correntes da plástica moderna. Mas vai mais longe: repudia a linha de evolução geralmente aceite «Grécia-Roma-Renascença-Classicismo», que nega e rejeita toda e qualquer outra influência estética, equívoco segundo o Sr. Varagnac que deriva da confusão estabelecida entre o que seja a verdadeira concepção artística e a miragem da cópia servil do objecto físico.

Portanto, o que nós temos como rude, bárbaro e inconsistente, e consideramos, por assim dizer, como a resultante, de uma arte que nunca atingiu a sua maioridade, não passa para o Sr. Varagnac de uma falsa noção, atribuindo-se inferioridade ao que, para ele, encerra na realidade um sopro de inspiração elevada, embora incompreendida em todo o seu significado estético. E assim explica o autor que a limitação das Belas Artes, durante todo o século XIX, ao cânón clássico trouxesse como resultado actual a reacção que conduziu à *redescoberta* moderna de um mundo artístico perdido, cuja linha evolutiva se pode traduzir por «Pré-história — Proto-história — Exotismo». E daqui as naturais analogias de muitas das expressões da chamada arte moderna com as mais primitivas manifestações da arte esquemática do Eneolítico e da Idade do Bronze, ou mesmo das produções plásticas das populações selvagens que designamos de «primitivos actuais». É um conceito filosófico e estético da criação artística, defensável como qualquer outro ponto de vista, que temos o dever de respeitar, embora dele discordemos, porventura acorrentados, se assim quizerem, a princípios de que não podemos libertar-nos facilmente.

Acrescenta o Sr. Tolédano, e corrobora o Sr. Varagnac, que as influências do Celtismo em Arte já vêm de longe:

detidas na antiguidade pela arte greco-romana, renascem na arquitectura românica e na gótica, após a decadência do mundo clássico, para novamente serem dominadas pela Renascença, e agora finalmente voltarem a reviver na chamada arte moderna. Podemos assim traduzir numa verdadeira curva sinusoide o florescimento e decadência alternados da arte céltica, atribuindo aqui o Sr. Varagnac a ideia de *florescimento* precisamente ao que muitos consideram manifesta *decadência* da Arte. É o problema candente das correntes estéticas do nosso tempo, nos moldes chocantes que muitos artistas e críticos de Arte se recusam aceitar, revolução de que o Sr. Varagnac e outros são fervorosos adeptos.

As ideias expendidas e conclusões contidas neste livro são, como se vê, tão interessantes sob o ponto de vista artístico como arqueológico. A obra é documentada com magníficas estampas reproduzindo exemplares seleccionados de obras de arte de diversos museus franceses.

T. G. E. POWELL, *The Celts*, Vol. VI da Série «Ancient Peoples and Places», ed. do Dr. Glyn Daniel, London 1958.

O arqueólogo irlandês, Sr. Terence G. E. Powell, doutorado pela Universidade de Cambridge, onde foi discípulo do prestigioso cientista J. Chadwick, é também um profundo conhecedor da história e da linguística das Ilhas Britânicas.

Homem superiormente culto e viajado, percorreu os grandes centros universitários da Europa e visitou a África e a Índia, tendo dirigido numerosas escavações arqueológicas na Irlanda e na Grã-Bretanha. É sócio da Society of Antiquaries, vice-presidente da Prehistoric Society, correspondente do Deutsche Archäologische Institut, e pertence actualmente ao Departamento de Arqueologia Pré-histórica da Universidade de Liverpool.

Publicou recentemente o Dr. Powell um livro de muito mérito, que faz parte da série «Ancient Peoples and Places» que se publica em Londres (Thames & Hudson), e da qual é director e editor o Dr. Glyn Daniel, cientista da Universidade de Cambridge, que ainda há